

AGUILAR, Gonzalo. *Poesía concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. Trad. João Bandeira e Marilena Vizentin. São Paulo: EDUSP, 2005.

Frederico Girauta

Augusto de Campos recebeu, no início de 2005, o 1º Prêmio Literário Fundação Biblioteca Nacional, pelo livro de poemas "Não", escolhido o melhor lançamento de autor brasileiro em 2003. Em seu discurso, o poeta assinalou ser aquele o primeiro prêmio que recebia pela sua poesia, e disse aceitá-lo não em nome da poesia concreta ou de vanguarda, mas em nome da poesia: "*não da poesia placebo, mas da poesia sem mídia, sem mídia, sem medo*".

O fato de receber seu primeiro prêmio após cinquenta anos de produção poética é um sintoma da resistência que sempre cerceou a recepção da poesia concreta. Esse reconhecimento institucional, no entanto, embora tardio, pode indicar o início de uma abordagem menos passional e mais consistente do que representou a vanguarda concretista e os modos de sua permanência no universo literário brasileiro.

Dentro dessa perspectiva, o livro de Gonzalo Aguilar, *Poesía concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*, consegue apresentar uma revisão lúcida e abrangente do movimento concretista e da trajetória de seus idealizadores. A desenvoltura com que o crítico argentino e professor de literatura brasileira da Universidade de Buenos Aires analisa as implicações geradas pela inserção da poesia concreta em nosso ambiente cultural, apontando o teor muitas vezes faccioso das críticas, pode ser explicada pelo seu distanciamento do ambiente dicotômico que se formou em torno do movimento, e que acabou por impedir uma visada crítica mais isenta:

Uma das coisas que mais me surpreendeu, durante o curso de minha investigação, foi a resistência e o repúdio que os poetas concretos (ex-concretos, na realidade) continuam causando no campo intelectual e literário brasileiro. Diferentemente do que ocorre com outros autores [...], a valorização da obra dos escritores paulistas costuma estar dicotomicamente: ou se está a favor ou contra (p. 13).

Evitar essa postura, numa estratégia poucas vezes alcançada pela crítica brasileira no que diz respeito à poesia concreta, permitiu a Gonzalo uma abordagem sem a contaminação do "trauma cultural" que essa poesia mesma engendrou e alimentou desde o seu surgimento, dentro de um contexto programático de vanguarda, até sua dispersão, no final dos anos 60. O livro do crítico argentino possibilita então delinear uma idéia de vanguarda que leva em conta as especificidades do ambiente literário brasileiro: "*toda vanguarda é relacional e é ne-*

cessário localizá-la historicamente para compreender suas características" (p. 30). Não incorre, assim, no equívoco bastante comum de tratar as diversas correntes vanguardistas de modo uniforme, geralmente com o apoio de teorias que se baseiam na experiência das vanguardas européias do início do séc XX. Ao utilizar a categoria de **não-conciliação**, para definir a "radicalização da forma que, em disposições não tradicionais nem convencionais, desafia hábitos e práticas culturais" (p. 17), o autor enraíza seu conceito de vanguarda não só na forma literária e nos procedimentos estéticos, mas também nas transformações históricas de "recepção, circulação e produção dos produtos artísticos" (p. 21) em diferentes contextos sócio-culturais.

A tarefa de jogar uma nova luz sobre os momentos mais importantes da história brasileira, a partir da década de 1950 – quando a euforia desenvolvimentista, cujo emblema maior é a construção de Brasília se alinha ao plano piloto para a poesia concreta para, segundo o autor, afirmar o segundo momento da modernidade no Brasil – destaca o teor de revisão que o livro carrega. Revisão esta que abarca política e estética, recriando todo um ambiente carregado de ideologias conflitantes e polêmicas culturais, o que possibilita visitar não só o concretismo, mas a bossa nova, o tropicalismo, o cinema novo, as várias correntes das artes plásticas, a arquitetura, as exposições etc., dentro de contextos específicos da realidade social e política. A abrangência, a fluência e a erudição – que nunca resvala no supérfluo – com que o autor analisa os procedimentos artísticos do grupo concretista, relacionando-os ao contexto histórico, tem o mérito de reunir e organizar informações que só poderiam ser encontradas em fontes dispersas. Assim, as manifestações culturais do período, as polêmicas, a agitação política encontram aqui uma confluência útil para pesquisadores e estudiosos.

Munido de um corpus teórico em que sobressaem ainda os conceitos de **museu** (espaço histórico e material de irrupção de diferentes estratégias de espacialização ou de construção de um lugar), **arquivo** (quantidade de informações e procedimentos que se encontram disponíveis em dado momento histórico), **repertório** (seleção das informações e procedimentos que fazem parte do arquivo), **design** e **moda**, o livro de Gonzalo Aguilar resulta numa revisão que transcende o didatismo e revela novos enfoques para o entendimento do concretismo como manifestação de vanguarda e a sua relação com a tradição literária brasileira. Com isso, o modo de construção da historiografia literária é posta em questão duplamente: a partir de uma ótica concretista de reordenação do arquivo pela escolha de um repertório e, fora dela, a partir do próprio questionamento das escolhas e caminhos trilhados pelo concretismo.

As mudanças de rumo do movimento concretista, especificamente da fase heróica –ou ortodoxa como o autor prefere denominá-la– para a fase do “salto participante” e, finalmente, com o “retorno ao verso” são discutidas em seus pontos mais delicados e mostram as contradições e coerências que perpassaram os discursos que cercavam o movimento. Ao lado disso, a minuciosa análise dos procedimentos poéticos e a exegese dos postulados teóricos de Augusto, Décio e Haroldo, principalmente deste último no que se refere ao teórico e ao primeiro no que se refere ao poético, permite reavivar a atuação individual dos escritores, cuja produção como poetas, tradutores e teóricos ultrapassa em muito a experiência concretista. No final do livro, inclusive, há ainda uma completa cronologia que abrange toda a produção dos poetas, desde suas primeiras publicações, em 1950, até a morte de Haroldo de Campos, em 17 de agosto de 2003.

Assim, pode-se dizer que a importância da publicação desse livro excede as suas qualidades intrínsecas. Num ambiente cultural marcado pelo maniqueísmo, que invade sem cerimônias a seara acadêmica, o livro de Gonzalo Aguilar parece responder a uma necessidade premente no meio intelectual brasileiro: a de que a paixão não interfira na relação com o objeto artístico a ponto de obscurecer a sua compreensão. Que este livro possa, então, ajudar a dissipar rancores, desanuviar espíritos e possibilitar outras leituras que venham ampliar o conhecimento da história recente da cultura brasileira e latino-americana. Pois um outro dado aspecto que merece ser salientado é a aproximação que nele se propõe dos procedimentos levados a cabo pelo concretismo com os de alguns poetas vanguardistas hispano-americanos do início do século XX, especificamente o chileno Vicente Huidobro, fundador do criacionismo, o peruano Cesar Vallejo e o argentino Oliverio Girondo. Esperemos que essas aproximações, além de contribuir para a fragilização de dicotomias e preconceitos críticos, possam também servir para que a distância cultural entre o Brasil e a América hispânica torne-se cada vez menor e o diálogo entre suas literaturas mais forte e integrado.